

Ilha Fiscal, há 94 anos a nossa maior metáfora

SÉRGIO AUGUSTO

Da nossa equipe de reportagem

Por cima dela passam todos os usuários da ponte aérea São Paulo-Rio. Ao seu largo deslizam, obrigatoriamente, as barcas que ligam o Rio a Niteói e Paquetá. O melhor ponto para admirá-la com calma são as janelas do restaurante Albamar, junto à Praça 15. Até o ano passado, só a visitava quem tinha algo a tratar com a Diretoria de Hidrografia e Navegação. Tecnicamente aquele pedaço de terra cercado de água por todos os lados é uma ilha. Mas, desde o último baile que nela se realizou, há 94 anos e três meses, a Ilha Fiscal tornou-se uma metáfora. Medindo 7 mil metros quadrados, é a maior metáfora brasileira.

Ha dias que uma equipe de nove fuzileiros, sob o comando do sargento Braga, cuida de recuperar com rigor o aspecto original da ilha. Quase tombada em 1936, por sugestão do escritor Mario de Andrade, só teve o seu gótico palácio esmeraldino preservado ao longo deste século graças ao desvelo de alguns almirantes, que lhe foram anexando novos prédios, ora em vias de remoção. Antes do fim do ano restará apenas na ilha o prédio principal de 6 metros de frente por 28 metros de fundo, em cujos salões a monarquia brasileira deu, sem querer, a sua festa de despedida.

A cultura nacional agradece. Afinal não somos um país assim tão rico em metáforas. A maior parte em circulação é importada: o toque de Midas (por que não de Almeida Braga?), os carneiros de Panúrgio (por que não do PDS?), a hidra de Lerna (por que não do SNI?), a rosa de Malherbe (por que não a abertura do general Figueiredo?). E as poucas de extração genuinamente nacional quase não são usadas. Ninguém se lembrou, por exemplo, dos arrozais de Pendotiba, inventados por Nilo Peçanha para obter um empréstimo externo, quando Maluf ameaçou construir a Paulipetro.

Fazia 196 dias que o prédio da Ilha Fiscal havia sido festivamente inaugurado quando, a 9 de novembro de 1889, um sábado, se deu o último baile da monarquia. A ironia começa com o motivo da festa: uma homenagem à República do Chile, através da tripulação do encouraçado "Almirante Cochrane", então ancorado na baía de Guanabara. A frente da organização do baile, o barão Sampaio Viana, e, depois, o comendador Hasselmann.

A fina flor da Corte (4 mil pessoas) compareceu. No cais Pharoux, a plebe acompanhou toda a pompa, ao som de marchas e dobrados executados pela

banda do Corpo Policial do Rio de Janeiro. Às 20h30 partiu a primeira barca; a última zarpuou três horas mais tarde. D. Pedro 2 foi na barca das 21h30 e a princesa Isabel e o Conde d'Eu na seguinte.

Luzes projetadas dos encouraçados "Cochrane", "Riachuelo" e "Aquidaban" iluminavam a torre do palácio e rastream o mar. Mais de 10 mil multicoloridas lanternas venezianas, fornecidas pela Casa Leon Rodde, adornavam a parte externa. Nos seis salões atapetados, bandeiras chilenas e brasileiras, festões, coroa, flores e um opíparo bufê da Confeitaria Paschoal (a preferida de Olavo Bilac). Na hora do tradicional brinde, o "Viva a República do Chile", que o "premier" visconde de Ouro Preto teve de dar, não chegou a ser abafado pelos vivas à República do Brasil, timidamente lançados por alguns gatos pingados do republicanismo infiltrados na festa, que aliás durou até as 6 da manhã.

"Todo o esplendor e todo o élan que se pode conseguir com dinheiro lá estavam" — registrou, na semana seguinte, a "Revista Ilustrada". E entrou em detalhes:

"As conversações em geral versavam sobre o custo da festa. Havia cálculos para 200 e para 300 contos. Só o bufê consta que andou por uma pelega de 50 contos. Apre! Muito peru e muita empada devia ter havido.

"Retirados os convidados, parecia que a Ilha Fiscal tinha sido o teatro de alguma batalha: havia inúmeros despojos. Um colega nosso dá deles a seguinte lista: 17 travesseiros, 6 almofadinhas, 8 raminhos de corpete, 13 lenços de seda, 9 de linho, 15 de cambraia, 9 dragonas, 3 coletes de senhora, 17 ligas, 8 claques, 16 chapéus de cabeça e grande quantidade de algodão em rama... Um belo dia um deputado requererá essas contas e então saberemos todos quanto custou o baile dado pelo senhor de Ouro Preto."

Poucos dias após o baile, os jornais do Rio estamparam o seguinte anúncio: "Perdeu-se uma corrente de ouro com os hábitos do Cruzeiro e Rosa, duas medalhas de campanha. Pedese à pessoa que a achou o favor de entregar no escritório desta folha." Título do anúncio: "Perdidos no Baile da Ilha Fiscal".

A aristocracia brasileira perdeu muito mais do que medalhas e comendas, embora até hoje se acredite que a monarquia tinha chances de sobreviver por mais uns tempos caso tivesse feito algumas reformas, substituído o impopular visconde Ouro Preto e aceito federalizar o País para valer. Os

marujos chilenos ainda estavam por aqui quando o visconde foi preso. "É um distúrbio passageiro", comentou D. Pedro com o almirante Bannen. Não era. E os primeiros sinais de turbulência haviam sido registrados justamente na festiva noite do dia 9. O tropeço do imperador, ao desembarcar no cais da ilha, fora de fato uma premonição.

Na mesma hora em que a Corte valsava e comia à tripa forra na Ilha Fiscal, o Clube Militar realizava uma reunião que seria decisiva para a sorte do Segundo Reinado. Presidida por Benjamin Constant, contava finalmente com o apoio de Deodoro da Fonseca, para quem o governo havia ofendido os brios do Exército, ao punir dois oficiais por indisciplina. O marechal pediu carta branca. Assim:

"Mais do que nunca preciso sejam-me dados plenos poderes para tirar a classe militar de um estado de coisas incompatível com a sua honra e dignidade; comprometo-me, sob palavra, a, se não encontrar dentro de poucos dias uma solução honrosa para o Exército e para a Patria, resignar todos os empregos públicos que me foram confiados, quebrando até a minha espada."

Em seis dias o marechal pôs as tropas na rua. Ia derrubar um ministério e acabou, por falta de resistência, proclamando a República. Qualquer semelhança com pessoas ou fatos posteriores da História do Brasil não é mera coincidência.

Ao ficar como o arquiteto Adolpho Del Vecchio o planejou, inspirado em castelos europeus do século 14, o histórico prédio da Ilha Fiscal abrigará o gabinete do ministro da Marinha. Nenhum baile de inauguração foi até agora cogitado. Se porventura organizarem um, será o primeiro baile republicano da Ilha Fiscal. Os mais supersticiosos, porém, receiam que, nas atuais circunstâncias, ele possa se transformar no último baile do atual regime militar.

As vésperas do "Gotferdamerung" imperial, os adeptos da República se queixavam do incômodo desinteresse com que D. Pedro, após libertar os escravos, passou a governar o País, preferindo viajar à Europa a levar adiante o seu projeto de liberalização política e social. À excessiva centralização do governo monárquico, a vitaliciedade do Senado e a fraude eleitoral que possibilitava aos donos do poder vencer todas as eleições eram os tópicos mais frequentes nos discursos contra o Segundo Reinado.

Pensando bem, a Ilha Fiscal, mais que uma metáfora, é um monumento vivo ao "déjà-vu".